

## Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França

Em França, as várias elites e as classes dirigentes foram já objecto de numerosas investigações — sociológicas e, sobretudo, históricas —, que, na maioria das vezes, incidiram mais sobre o recrutamento e a selecção das elites, as suas trajectórias e carreiras, do que sobre os processos de formação e de construção de identidades ou os processos de composição e recomposição. Todavia, não deixa também de ser necessário o estudo da repartição desigual dos poderes e dos centros de decisão, tal como dos movimentos de recomposição das diversas elites — o acréscimo do poder de uns (é o caso, em França, dos peritos, profissionais de consultoria ou dos jornalistas) relativamente à redução do poder de outros, como os deputados. Neste sentido, a análise sociológica deverá ter por objecto os desacordos e as lutas decorrentes dessa desigual distribuição de poderes a par das próprias reestruturações.

A observação e o estudo aprofundado das estratégias de reconversão dos membros das diferentes fracções das classes dirigentes, dos seus êxitos e fracassos, da tendência para o conservadorismo ou para a inovação constituem um interessante ponto de partida na análise das transformações e das reestruturações das elites e dos poderes. Com as reconversões, encontramos, com efeito, não só no centro do processo de ruptura das carreiras ou dos itinerários mais clássicos, mas também no centro do processo de desvalorização ou de reavaliação dos diversos recursos económicos, culturais, sociais e simbólicos detidos pelos diferentes agentes.

As estratégias de reconversão dão lugar a deslocações no espaço social, através do abandono de posições instituídas, mas muitas vezes desvalorizadas ou ameaçadas pelos agentes que há muito as ocupavam, e da entrada de novos agentes em sectores onde a presença de membros do seu grupo era

---

\* Directora de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, e co-directora do Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture de Paris.

anteriormente pouco significativa. Estas estratégias dependem, em larga medida, do estado do sistema dos instrumentos de reprodução (estado das leis de direito sucessório, do mercado de trabalho, do sistema escolar, etc.) e do estado (volume e estrutura) dos recursos económicos, culturais, sociais e simbólicos que os diversos grupos procuram reproduzir; elas dependem ainda da avaliação que é feita das oportunidades de manutenção na posição ocupada e envolvem em elevado grau as disposições e perspectivas em relação ao futuro<sup>1</sup>.

As reconversões não se produzem todas, num dado momento, num mesmo sentido; assim, os patrões ou os administradores de empresas podem tentar converter a sua fortuna ou o seu património económico em notoriedade, em prestígio simbólico, enquanto outros, por exemplo, os de ascendência nobre, podem, no mesmo momento, tentar converter um nome, um título nobiliárquico (duque, conde, marquês), uma rede de relações, em capital económico. O valor e o rendimento das diferentes espécies de capital raramente são fixados de modo durável; são moeda de troca nas lutas entre os diversos grupos, e, enquanto uma certa espécie de capital, por exemplo, um título escolar, corre sempre o risco de se desvalorizar ou perder legitimidade, outra pode rapidamente valorizar-se — é o caso do capital económico ou financeiro na maioria das sociedades contemporâneas. Só a acumulação de diferentes espécies de capital garante protecção contra a desclassificação ou o declínio social.

Nestas reconversões ou conversões podem estar envolvidos diferentes grupos sociais: nas décadas de 60 e 70 deste século, em França, muitas famílias de agricultores, de artesãos ou de pequenos comerciantes recorreram a estratégias de conversão do seu património económico em investimento escolar, numa altura em que esse património (terras, quintas, outros bens fundiários, fundos de comércio) era objecto de uma forte desvalorização, estimulando os filhos a prosseguir estudos secundários e universitários e a obter diplomas. (Até então era diminuta a importância que atribuíam à escola.) Neste trabalho, contudo, a análise centrar-se-á nas reconversões dos membros das diferentes elites, tomando sobretudo como base de apoio o exemplo dos descendentes da nobreza.

## PATRONATO E *PANTOUFLAGE*

No caso das chefias de empresas ou do patronato, a reconversão do património económico em património cultural e a transição do estatuto de

---

<sup>1</sup> Cf. P. Bourdieu, L. Boltanski e M. de Saint Martin, «Les stratégies de reconversion. Les classes sociales et le système d'enseignement», in *Information sur les sciences sociales*, XII, 5, 1973, pp. 61-113.

empresário independente ou de patrão para o de dirigente assalariado constituíram, nomeadamente nos anos 60-80, uma estratégia que permitiu às famílias que ocupavam posições preponderantes nas classes dirigentes manter o controle das suas empresas. Estas famílias, que, antes, pouco se haviam interessado pela formação escolar, modificaram o seu comportamento e a sua prática, inclusive em relação à escola, procurando garantir aos filhos a obtenção de um diploma que lhes proporcionasse, mais tarde, o acesso a cargos de direcção e a participação no lucro das empresas através de um salário. Por vezes, quando não obtinham aprovação nos concursos de acesso às *grandes écoles*<sup>2</sup> públicas, inscreviam-se em escolas superiores privadas com prestígio.

Poder-se-ia também estudar o caso dos universitários ou dos quadros da administração pública detentores, no essencial, de recursos escolares e administrativos que procuram reconvertê-los, com maior ou menor êxito, em capital económico, mas também em prestígio simbólico, ocupando, por exemplo, posições de assessoria ou de consultoria no governo ou em empresas privadas, ou ainda como membros de comissões ou de comités.

O que em França se designa por *pantouflage* — a passagem de antigos altos funcionários, membros de *grands corps* estatais<sup>3</sup> (minas, pontes, inspecção de finanças, Conselho de Estado, etc.), para lugares de direcção ou para a presidência de empresas privadas — pode, em certa medida, ser interpretado e analisado como um movimento de reconversão dos recursos administrativos, sociais e culturais acumulados no exercício da função pública de alto nível em recursos económicos (com efeito, as empresas privadas propõem aos antigos altos funcionários posições de poder muito mais bem remuneradas do que os altos cargos da administração pública). A passagem pelos *grands corps* do Estado permite alcançar «o vértice das principais firmas do país», como se em França fosse mais rentável, para aceder a posições de poder económico (dirigente, presidente ou membro do conselho de administração de uma grande empresa), fazer um percurso aparentemente

---

<sup>2</sup> As *grandes écoles* — por exemplo, *École Polytechnique*, *École Normale Supérieure*, *École des Mines*, *École Nationale d'Administration* — são instituições colocadas no topo da hierarquia dos estabelecimentos de ensino superior em França, acima da maior parte das universidades. Na generalidade dos casos, quer as características sociais, quer os indicadores de excelência escolar dos seus alunos, tendem a corroborar esta apreciação, em grande parte confirmada pelos destinos sociais dos seus diplomados. A designação será mantida em francês. (N. da T.)

<sup>3</sup> A expressão francesa *grands corps* designa, de forma genérica, diferentes altos organismos centrais do Estado, com funções especializadas — como é o caso do *Conseil d'État*, *Cours des Comptes*, *Inspection des Finances*, *Corps des Mines*, etc.), onde se congregam, de forma quase corporativa, as elites saídas das *grandes écoles*. O uso consagrado dessa designação e a inexistência em português de uma designação equivalente com o mesmo valor de uso tradicional e de conteúdo englobante levaram-nos a manter os termos na língua original do texto. (N. da T.)

distanciado da nova função do que ascender a ela directamente, uma vez feito o normal percurso na carreira dentro da empresa<sup>4</sup>.

No que respeita ao *pantouflage* de funcionários que passaram pelos *grands corps*, não será propriamente legítimo falar de uma ruptura na carreira; pelo contrário, a entrada no sector privado inscreve-se no prolongamento de um bom início de carreira nos altos níveis da administração e nos gabinetes ministeriais. É frequente o ingresso na empresa privada estar previsto desde a entrada nesses organismos, logo após a conclusão do curso superior nas *grandes écoles* — as solicitações a que estão sujeitos os altos funcionários dos Ministérios das Finanças ou da Indústria para integrarem grandes empresas são pelo menos proporcionais à sua própria orientação nesse sentido. Roger Martin, por exemplo, antigo aluno da Escola Politécnica e depois da Escola de Minas e membro do Corps des Mines — que, após uma breve carreira administrativa (primeiro, como engenheiro do Serviço de Minas de Nancy e, mais tarde, como adjunto do director da Siderurgia do Ministério da Indústria), se mudou, em 1948, para a indústria privada, assumindo, primeiro, o cargo de director do departamento de siderurgia de Pont-à-Mousson e, posteriormente, o de director-geral de Saint Gobain Pont-à-Mousson (um dos maiores grupos industriais franceses) —, não descreve, nas suas memórias, essa mudança como uma ruptura ou como uma reconversão, mas tão-só como uma mudança de orientação mais conforme com os seus gostos e as suas disposições.

«Já estava farto do trabalho de gabinete. Aspirava a poder lidar com realidades mais concretas. Não conseguia antever com clareza o que me reservava a posição de engenheiro de minas, adjunto do director da Siderurgia [...] A direcção da Siderurgia não fazia parte das grandes administrações, dado que o meu quadro de relações era limitado. Por outro lado, também não era insensível à possibilidade de melhorar a minha situação material. Tive sempre de trabalhar para ganhar a vida. A todas estas razões a favor opunha-se o facto de gostar de ser funcionário [...] Não fui eu que corri atrás da *pantoufle*, mas sim ela que veio ao meu encontro.» De resto, Roger Martin recusou a primeira proposta de passagem para o sector privado que lhe foi feita e só acabaria por aceitar a terceira<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf. M. Bauer com B. Bertin-Mourot, *Les 200. Comment devient-on un grand patron?*, Paris, Ed. du Seuil, 1987. Inversamente, o estudo sobre o patronato alemão suscita interrogações acerca de uma situação que se caracteriza, em certa medida, pela ausência de reconversões e de transferências do sector público para o sector privado; a maior parte dos patrões alemães receberam uma formação profissional especializada e fazem carreira em áreas relativamente bem delimitadas (cf. H. Joly, *L'élite industrielle allemande. Métier, pouvoir et politiques*, 2 vols., Paris, EHESS, 1993 (tese de doutoramento em Sociologia).

<sup>5</sup> R. Martin, *Patron de droit divin*, Paris, Gallimard, 1984, p. 58.

No entanto, seria necessário um trabalho de investigação para poder determinar, no caso dos altos funcionários que, como Roger Martin, passaram pelos *grands corps*, ingressando posteriormente em cargos de chefia de grandes empresas, se estamos perante um processo bem controlado de acumulação das diferentes espécies de recursos, ou antes de um esboço de reconversão de pelo menos uma parte dos recursos acumulados através da reconversão dos recursos administrativos (conhecimento do funcionamento da máquina administrativa, dos mercados estatais, domínio dos trâmites administrativos, relações) em recursos económicos<sup>6</sup>.

O que se afigura como determinante para o êxito de um *panouflage* é a pertença a um *grand corps* — inspecção de finanças, minas, pontes — e uma vasta rede de relações. À medida que se sobe na hierarquia das empresas ou dos grupos industriais, maior é a proporção de dirigentes e de PDG que passaram por esses organismos estatais e pelos gabinetes ministeriais. Existem, contudo, casos em que a reconversão encerra maiores riscos — por exemplo, o dos funcionários que, não tendo passado por essas importantes «corporações» administrativas, procuram, mesmo assim, inserir-se no sector privado —, facto que justificaria, também neste domínio, o trabalho de investigação.

## AS RECONVERSÕES DA ANTIGA ARISTOCRACIA

Neste capítulo, a análise centrar-se-á especialmente na antiga aristocracia; aqui a análise que propomos pode, de facto, apoiar-se num trabalho de pesquisa profundo, realizado ao longo de quase dez anos.

Há mais de duzentos anos que a aristocracia deixou de ter existência legal e jurídica em França; não é reconhecida pelo Estado, pelo menos oficialmente, e foi forçada a inserir-se no mercado de trabalho, apesar de muitas vezes a sua formação específica ser insuficiente (não raro os aristocratas preocuparam-se pouco com os estudos e com a escola, o insucesso escolar não é sentido como algo de que devam envergonhar-se nem como insucesso). Em contrapartida, os aristocratas souberam sobretudo valorizar o seu capital social (pertença a uma grande família, rede durável e vasta de relações de parentesco e outras cuidadosamente cultivada) e o seu capital simbólico (nome, título nobiliárquico, ligações a uma terra, um castelo). Estes trunfos

---

<sup>6</sup> Seria necessário comparar a situação dos altos funcionários franceses que passaram de forma mais ou menos rápida para a indústria privada com a dos antigos altos funcionários ou burocratas soviéticos que se tornaram patrões de empresas privadas, estudada por Natacha Chmatko. Neste último caso, a ruptura na carreira foi mais acentuada, uma vez que não era possível prever a passagem para o sector privado desde o início, pelo que se afigura mais correcto falar de reconversão do que no caso francês.

sociais e simbólicos puderam ser convertidos, pelo menos em parte, em capital económico (rendimentos, lucros, salários, acções, participação em conselhos de administração, presidência de sociedades, cargos directivos, etc.) ou ainda em capital político (mandato de senador, presidente de câmara, membro de uma assembleia municipal, presidência de associações de proprietários agrícolas, etc.) e, mais recentemente, em títulos escolares e em diplomas<sup>7</sup>. O peso desses recursos sociais e simbólicos, que muitas vezes era preponderante na estrutura dos recursos detidos pelos descendentes da nobreza, tende a perder importância relativa e é cada vez mais raro estes atribuírem maior importância à linhagem ou à salvaguarda do nome do que aos investimentos económicos, profissionais ou culturais tornados prioritários.

A nobreza apresenta-se como um espaço com diferentes grupos, por vezes antagonistas, e constitui uma categoria em declínio numérico — há dois séculos que conhece uma forte redução —, de que uma fracção, nomeadamente a parisiense, muitas vezes reconvertida e relativamente rica, não só em capital cultural mas também económico, tende a deixar de se considerar nobre, enquanto uma outra fracção, predominantemente de província, muito mais rica em capital simbólico do que em capital cultural ou escolar, tende a sobreestimar os antigos valores (regresso ao castelo dos antepassados, refúgio na linhagem familiar, integrismo, etc.). As estimativas apontam para a existência de, aproximadamente, 3500 a 50 000 famílias «nobres», num total de 100 000 a 400 000 indivíduos.

O caso dos aristocratas merece que nos debrucemos sobre ele justamente por estarmos perante um antigo grupo cujos membros, em particular os da província, manifestaram, a maioria das vezes, grandes dificuldades e fortes reticências à concepção e realização de conversões; julgavam-se, em geral sem fundamento, seguros das suas posições, não duvidavam da sua superioridade e autoridade; durante bastante tempo esteve fora de questão o exercício de determinadas profissões tidas como não nobres, nomeadamente ofícios manuais e o comércio. Seria de grande utilidade uma história social da constituição das resistências e interditos que durante muito tempo rodearam, e nalguns casos continuam a rodear, as profissões artesanais ou comerciais, pois permitir-nos-ia compreender como e por que preço certas profissões passaram a ser acessíveis.

Hoje em dia o mercado de emprego está-lhes relativamente aberto. Numerosos aristocratas podem fazer valer de modo mais ou menos directo o seu nome, as suas relações familiares e escolares no mercado profissional ou pelo contrário, tentar fazê-las esquecer. No mercado profissional, ou pelo menos em certos sectores desse mercado, as aptidões para se saber apresen-

tar, se relacionar, utilizar e manter relações ou solidariedades são apreciadas e reconhecidas.

Quando nos debruçamos mais em particular sobre o estudo das estratégias, amplamente abertas, que permitem aos descendentes da nobreza reverter em mercados profissionais muito diversos — que vão desde a banca ou a publicidade até ao mercado de arte — os recursos sociais e simbólicos disponíveis, surgem as tensões, as contradições, as recusas em que se deixam muitas vezes enredar, os compromissos que aceitam ou recusam, as probabilidades de reproduzirem, com mais ou menos transformações, a posição que ocupam e, por conseguinte, de se reclassificarem ou desclassificarem. É o estudo das reconversões que permite compreender a amplitude dos movimentos de desagregação ou de reestruturação do espaço da aristocracia. Será que, ao porem em prática estratégias de reconversão e ao negociarem compromissos, os aristocratas conseguem conservar o capital simbólico que está na base do seu poder? Ou será que esse capital se dilui de alguma forma nessas movimentações?

Seria demasiado arriscado pretender traçar a evolução das reconversões da nobreza desde a Revolução, dado não terem nem o mesmo sentido nem a mesma amplitude no século XVIII, no século XIX ou no século XX; além disso, as expressões «a nobreza», «os nobres» ou «os aristocratas» não designam os mesmos grupos ou agentes nas diferentes épocas estudadas e o mercado dos possíveis e dos cargos que se lhes abrem não pára de se transformar. Daí que centremos o nosso estudo nas tentativas de reconversão operadas pelos descendentes da nobreza a partir da década de 50 deste século.

Depois da guerra de 1939-1945 desenvolvem-se e diversificam-se as tentativas de reconversão dos descendentes da nobreza no mercado escolar e nos novos mercados profissionais. Com efeito, os descendentes da nobreza estão cada vez menos seguros da sua posição e do seu estatuto; de resto, muitos omitem a sua condição nobre, salvo em circunstâncias excepcionais. Os jogos com a sua identidade «nobre» tornam-se cada vez mais frequentes. Acresce que o património económico dos descendentes da nobreza sofreu um declínio e o seu capital simbólico ou nobiliárquico perdeu muitas vezes valor e rendibilidade. Para eles torna-se, pois, imperiosa a inserção no mercado de trabalho, sendo mais frequente procurarem obter um lugar no sector privado do que na função pública. A expansão no sector privado foi, de facto, mais acentuada do que no sector público e atingiu todas as fracções da aristocracia. Nos últimos anos o campo dos possíveis abriu-se aos jovens aristocratas, nomeadamente com o desenvolvimento do sector bancário, dos seguros, das escolas e das empresas de publicidade, de *marketing*, de relações públicas, de consultoria, de gestão, de auditoria, de serviços especializados, dos gabinetes de selecção de quadros dirigentes e também do audio-

visual e da imprensa — semanários ou revistas —, da edição, do mercado de arte<sup>8</sup>, dos serviços especializados no planeamento de jardins e paisagens, etc. Há, sem dúvida, um maior número de aristocratas a exercer funções administrativas, de representação e de gestão do que funções de produção. No caso das firmas de consultoria, a sua opção recai menos sobre as de consultoria técnica (produção, organização, informática) do que sobre gabinetes de estratégia, com uma oferta de serviços e conselhos gerais e globais destinados a um pequeno número de clientes fortemente seleccionado<sup>9</sup>. Trata-se, em larga medida, de sectores e de profissões relativamente indeterminados, pouco burocratizados, em que as qualidades de apresentação e representação, a arte de acumular e gerir relações, a postura e o nome têm o seu peso e em que os insucessos escolares raramente constituem um óbice.

Se o leque de possibilidades se alargou nos últimos anos e não cessa de se diversificar, não é menos verdade que nem todos os descendentes da nobreza têm tirado partido dessas possibilidades de reconversão, saldando-se as tentativas de reclassificação, por vezes, em fracassos ou meios-sucessos. Estes fracassos, como os êxitos, dependem, em boa parte, das características da família e dos agentes que querem reconverter-se, bem como do estado do mercado em que procuram inserir-se.

Para determinar com rigor o peso e a importância dos factores que permitem explicar as probabilidades de empreender uma reconversão, de a levar até ao fim ou de a interromper seria necessário comparar um conjunto de relatos de descendentes da nobreza oriundos das diversas fracções ou grupos que ocupam o espaço da nobreza, pertencendo a gerações diferentes, ocupando posições diversas e exercendo profissões que exigem algum capital social ou competências técnicas. É, no entanto, possível, pelo menos, traçar o sistema explicativo que ressalta da análise do conjunto de entrevistas realizadas em 1991 a descendentes da nobreza que ingressaram na publicidade, nas relações públicas, rádio ou televisão; da análise das notas biográficas de 323 portadores de nomes de ascendência nobre inscritos no *Who's Who* (edição de 1989), da análise de uma amostra de 818 membros da ANF (Associação de Entajuda da Nobreza Francesa) que representam a fracção mais conservadora e a menos comprometida nas reconversões, de observações de carácter etnográfico e de obras que relatam a história de descendentes da nobreza.

Para compreender o que pode incitar ou encorajar os aristocratas a reconverterem-se, a ingressarem em novas profissões ou a enveredarem por

---

<sup>8</sup> Entre os profissionais da cultura e da arte, em sentido amplo, encontramos grande número de nobres arruinados que muitas vezes exercem actividades de corretagem, de representação e de mediação. Cf., para um estudo dos colecionadores, dos mediadores, dos artistas, R. Moulin, *L'Artiste, l'institution et le marché*, Paris, Flammarion, 1992.

<sup>9</sup> Cf. O. Henry, «Entre savoir et pouvoir. Les professionnels de l'expertise et du conseil», in *Actes de la recherche en sciences sociales*, 95, Dezembro de 1992.

carreiras inéditas para membros do grupo a que pertencem é necessário ter em conta um largo feixe de factores difíceis de hierarquizar. Esses factores são múltiplos e complexos; os trajectos percorridos são cada vez menos directos, os movimentos de reconversão nunca são unilineares e não constituem o resultado de uma decisão única. A maioria das vezes apresentam-se como uma sucessão ou um encadeado de acontecimentos, circunstâncias, etapas, encontros, por vezes rupturas, e os agentes envolvidos nestes processos sentem-se, não raro, solicitados por universos diferentes que procuram conciliar.

Além disso, um factor *a priori* favorável às transformações e às adaptações nunca é automático. Se o facto de residir numa grande cidade proporciona, entre outras coisas, mais oportunidades de conhecer os membros de outros grupos ou de outros meios, estimulando a fusão dos grupos e das elites, as reconversões, a mistura, pode, em contrapartida, arrastar aqueles cujos recursos são pouco diversificados a voltarem-se para valores antigos, para as crenças mais integristas, para a recusa de um relacionamento regular com os que são considerados como pertencendo a um mundo diferente, em especial a pequena e a média burguesia ou os chamados «novos-ricos». «Com efeito», observava Maurice Halbwachs, «o espaço, as representações espaciais, tanto podem ser um princípio de aproximação como de divisão ou isolamento<sup>10</sup>.» A cidade pode ser o cadinho da fusão das elites, mas pode também ser o local da recomposição, da reestruturação, de novas alianças, que arrastam consigo, por vezes, rupturas, fracturas, desclassificações.

A percepção e a tomada de consciência das mudanças e da necessidade de pôr em prática estratégias de adaptação, ou mesmo de reconversão, reparam-se de forma muito desigual. Quando os espaços nos quais os descendentes da nobreza costumavam evoluir se transformam, quando os antigos títulos perdem valor, nem todos se apercebem logo do desvio sofrido pelos comportamentos tidos como certos ou adequados no período anterior ou da sua inoperância. É possível tentar distinguir os vários factores que permitem aos aristocratas aperceber-se oportunamente das mudanças e que os incitam a inserir-se, com carácter durável, no mercado profissional, mais concretamente a investir nos sectores em que podem mais facilmente mobilizar os recursos sociais e, em particular, os simbólicos, o nome, o *savoir-faire* e as relações. Estes diferentes factores podem, no estado actual da investigação e por razões de clareza da exposição, ser ordenados em quatro subgrupos: o estado do mercado de emprego e a política; as reacções e, eventualmente, as acções opostas dos membros dos restantes grupos; o volume e a estrutura dos recursos detidos pelos agentes que aderem às reconversões; as características da família e as dos agentes envolvidos.

---

<sup>10</sup> M. Halbwachs, *Morphologie sociale*, Paris, A. Colin, 1970, p. 81.

## OS FACTORES DA RECONVERSÃO E A PREDISPOSIÇÃO PARA A INOVAÇÃO

### ATRACÇÃO OU COMPULSÃO. MERCADO DE CARGOS E POLÍTICA

Trata-se, antes de mais, de analisar o estado do mercado e os cargos disponíveis, no sentido de saber se o seu efeito é de atracção ou de compulsão<sup>11</sup>. Claude-Isabelle Brelot, por exemplo, deixou bem claro que a criação de cargos no funcionalismo havia permitido a um grande número de aristocratas, nos anos 1814-1870, tentar a reconversão<sup>12</sup>. No que respeita ao período contemporâneo, o fenómeno mais importante é, sem dúvida, o desenvolvimento do sector privado, em particular da publicidade, das relações públicas, das profissões ligadas à comunicação, da banca, dos seguros, da consultoria, da auditoria, etc.

O mercado profissional em Paris apresenta fortes desigualdades relativamente ao da província. Tratando-se de um aristocrata, é certamente mais provável, e também mais fácil, que empreenda a reconversão na capital do que na província; as sedes sociais dos bancos e das companhias de seguros, as editoras, as galerias de arte e as agências de publicidade, por exemplo, estão fortemente concentradas em Paris, e também aqui são numerosos os cargos administrativos e de gestão económica ou cultural.

As probabilidades de reconverter o capital social e simbólico num novo mercado variam, para as famílias da aristocracia de província, conforme as regiões, o grau de industrialização destas (a posição de uma família de origem aristocrática estará mais garantida na parte ocidental da França, nomeadamente na Bretanha, onde o enraizamento da nobreza é mais forte do que no Norte ou no Franche-Comté, por exemplo, que são regiões mais indus-

---

<sup>11</sup> Victor Karady estabelece uma distinção clara entre as situações que exercem «efeitos de compulsão» (por exemplo, a abolição da condição de servo na Hungria, que priva os donos de terras da mão-de-obra gratuita, ou de outras medidas legislativas que suprimem os antigos privilégios e colocam a nobreza numa situação de concorrência) e as conjunturas sócio-económicas que antes de mais representam novas oportunidades para as elites, exercendo antes um efeito de atracção (por exemplo, na Hungria, a modernização do Estado multiplica os lugares na função pública depois do compromisso de 1867). O efeito de atracção prevalece quando a certos membros de uma elite são proporcionadas novas funções que lhes garantem possibilidades de êxito superiores à sua situação de outrora [cf. V. Karady, «La conversion socio-professionnelle des élites: deux cas historiques en Hongrie», in D. Broady e M. Palme (ed.), *Les élites, formation, reconversion, internationalisation* (actas do seminário de Estocolmo)].

<sup>12</sup> Cf. C. I. Brelot, *La noblesse réinventée. Nobles de Franche-Comté de 1814 a 1870*, Annales littéraires de l'Université de Besançon, Diffusion Les Belles Lettres, 1992, 2 tomos, tomo 1, *Restaurations et reconversions*, tomo 2, *De la tradition à l'innovation*, 1243 páginas. (série «Historiques», n.ºs 6 e 7).

trializadas) e a importância que o mercado local atribui à família em causa. Paradoxalmente, as probabilidades são com certeza menores nas regiões onde o peso das famílias nobres é ainda relativamente importante e reconhecido. As famílias residentes em regiões fortemente industrializadas, onde os antigos valores da aristocracia suscitam sobretudo sorrisos, desconfiança, troça ou ressentimento, em vez de fascínio, reverência ou admiração, e que não são reconhecidas pela sociedade local têm mais hipóteses de encontrar novas soluções para se manterem do que as implantadas há muito em regiões mais rurais, como a Bretanha, onde pelo menos uma fracção da população considera e respeita os aristocratas e lhes dá crédito.

Os mercados profissionais podem também ser mais ou menos protegidos, mais ou menos abertos, apresentando mais ou menos riscos: por exemplo, os serviços de gestão agrícola, de agronomia, de águas e florestais<sup>13</sup> constituíram durante muito tempo um mercado relativamente seguro para os nobres, que aí podiam tirar partido do seu capital simbólico — e tanto mais partido quanto tivessem sabido reconvertê-lo num diploma do Instituto Nacional Agronómico ou de outra escola de agronomia<sup>14</sup>. Os novos mercados das empresas de publicidade, comunicação, relações públicas são, sem dúvida, mais abertos do que outros mais antigos, como a banca ou o do comércio do champanhe — a rendibilidade da rede de relações, do nome, da pertença a uma grande família (outros tantos trunfos que podem ser exibidos no mercado de trabalho), talvez seja aí mais imediata, sendo maiores os benefícios económicos —, mas os riscos que envolvem são também mais elevados. Embora de acesso relativamente mais fácil para a aristocracia, o mercado das empresas de publicidade ou de relações públicas — nalgumas grandes agências está presente um grande número de aristocratas (é o caso da Publicis), que muitas vezes acabam por fundar a sua própria sociedade ou empresa — não deixa por isso de ser incerto, não tanto por causa da instabilidade dos cargos — as agências de publicidade têm interesse em que façam parte dos seus quadros de pessoal nomes ilustres —, mas porque o universo da publicidade ou das relações públicas se rege, em certa medida, por leis que estão

<sup>13</sup> O serviço de Águas e florestas constitui um sector da administração encarregado de delimitar as florestas do Estado, do plantio, do policiamento e da conservação dessas florestas, bem como da adjudicação dos abates.

<sup>14</sup> Estes mercados protegidos, no entanto, tiveram muitas vezes tendência para se retraírem. Foi o caso dos conservadores do serviço de Águas e Florestas. Assim, 29% dos conservadores nomeados entre 1870 e 1882 eram oriundos da aristocracia; a proporção não ia além dos 11% entre os nomeados entre 1882 e 1913 e de 9% nos nomeados entre 1914 e 1939 [cf. G. Buttoud, *Les conservateurs des eaux-et-forêts sous la Troisième République (1870-1940). Matériaux biographiques pour une sociologie historique de la haute administration française*, Nancy, Laboratoire d'économie forestière de l'École nationale du génie rural des eaux-et-forêts, Paris, INRA, Département d'économie et de sociologie rurale, 1981].

nos antípodas das que regiam o universo aristocrático (a competição económica é exacerbada e o objectivo prioritário reside na conquista de novos mercados).

Pode dar-se o caso, aliás, de a reconversão através do sector privado, embora envolvendo, aparentemente, mais riscos, permitir conciliar, ou melhor, permitir uma coexistência mais fácil entre o estilo de vida da aristocracia e o exercício de uma actividade profissional do que a entrada na função pública ou em organismos semipúblicos, onde os descendentes da nobreza se sentem mais postos em causa e são levados a assumir um maior distanciamento relativamente às suas origens. (É o caso daqueles, bastante numerosos, que, tendo entrado para as cadeias de rádio ou televisão do sector público, foram muitas vezes levados a renunciar à sua pose aristocrática.)

Para explicar as reconversões é também necessário tomar em consideração a política de criação de cargos e de recrutamento. (Com o governo de Balladur assistiu-se a uma relativa escalada dos nomes de ascendência nobre nos gabinetes ministeriais.)

Conforme a maior ou menor abertura do mercado de emprego e consoante a política de criação de cargos ou de definição de carreiras seja mais ou menos favorável, assim as conversões podem ser vividas como escolhas naturais, vocações, ou, pelo contrário, parecer forçadas, realizadas de uma forma compulsiva. Se aumentam as ameaças de desclassificação com o maior afluxo de diplomados, a burocratização, a redução do valor relativo do património fundiário, o controle das sucessões, as reconversões serão, a maioria das vezes, forçadas; se, pelo contrário, crescem a iniciativa privada e o liberalismo económico, se o movimento de privatização da economia se desenvolve e se verifica uma diversificação das actividades, em especial das profissões ligadas à comunicação e às relações públicas, então as reconversões poderão parecer voluntárias.

À medida que os diferentes sectores a que recentemente tiveram acesso os vários descendentes da nobreza, nomeadamente a imprensa, as relações públicas e a comunicação, se profissionalizem, que a competência técnica e profissional vá adquirindo importância, que as apostas económicas assumam maior relevo e os processos tecnológicos sofram uma aceleração, é possível que os aristocratas, que por vezes ainda hesitam em profissionalizar-se, sejam levados a abandoná-los, ou então que lhes sejam confiadas apenas funções «honoríficas» ou de segunda ordem, mais administrativas do que técnicas. Terá sido o que se passou com a televisão, onde os aristocratas tiveram uma forte participação na produção e na apresentação de emissões, mas onde ficaram sujeitos à concorrência por parte de novos profissionais mais competentes, acabando por, pouco a pouco, deixarem os lugares que ocupavam. Poderá vir a ser também o caso da publicidade, onde as exigências profissionais são cada vez mais imperativas.

AS REACÇÕES E EVENTUAIS ACÇÕES OPOSTAS  
DOS OUTROS GRUPOS CONCORRENTES

Para avaliar as probabilidades de os membros de um dado grupo emprenderem e concretizarem uma reconversão é necessário tomar em consideração as reacções dos outros grupos; no caso dos aristocratas, é sobretudo necessário observar as reacções dos pequeno-burgueses e dos burgueses — tendo em conta, por exemplo, a sua presença cada vez maior em sectores como a publicidade, as relações públicas, as profissões ligadas a actividades consultivas, onde os aristocratas se inseriram em número não despidendo. Verificar-se-ão reacções de desconfiança, de indiferença, ou os aristocratas serão antes valorizados pelos seus «bons modos», o seu *savoir-faire*?

São, pois, necessários estudos monográficos para analisar, em sectores determinados — no período contemporâneo, a publicidade ou as galerias de arte e o ramo editorial —, os efeitos produzidos pela entrada e concorrência dos agentes oriundos da burguesia ou da pequena burguesia e para compreender de facto o que leva os aristocratas a dirigirem-se para certas profissões, a aderirem à lógica da carreira e a fazerem investimentos profissionais importantes ou, pelo contrário, a tornarem-se marginais e, por vezes, a abandonarem actividades ou profissões que deixaram de lhes convir ou em que se sentem marginalizados. (Tudo indica que, num dado sector, os aristocratas se concentram com frequência em submercados relativamente protegidos, como é o caso das obras de arte ou dos livros de história, no âmbito da actividade editorial.) A observação de certos sectores ou domínios da função pública — as alfândegas, os correios, os impostos, por exemplo —, onde os aristocratas efectivamente não estão presentes, permite-nos recolher informação sobre as lógicas que limitam ou impedem certas reconversões.

VOLUME E ESTRUTURA DOS DIFERENTES RECURSOS POSSUÍDOS

São os detentores de todo o tipo de recursos (económicos, culturais, simbólicos, sociais) que têm maiores probabilidades de emprenderem uma reconversão. Pelo contrário, para aqueles que quase exclusivamente detêm um capital simbólico ou nobiliárquico, mas já sem qualquer património económico, e apenas possuem um reduzido número de diplomas e de títulos escolares, as hipóteses de emprenderem uma reconversão são muito reduzidas. Segundo a mesma lógica, também os professores cuja autoridade e título lhes advêm exclusivamente do seu diploma — se não são detentores de qualquer património económico e o seu capital cultural herdado é reduzido — defrontarão grandes dificuldades ao emprenderem, por hipótese, a reconversão dos seus títulos escolares no sector privado, nomeadamente em firmas de consultoria ou de gestão.

O capital social (rede de relações familiares, escolares e profissionais cuidadosamente mantida através de um trabalho regular) é importante em

todos os casos de reconversão e afigura-se quase como uma condição para o sucesso. O seu peso faz-se sentir em todos os níveis do poder económico, administrativo, político ou mesmo — embora menos intensamente — universitário. As sucessivas operações de selecção e de cooptação que determinam a carreira dos dirigentes obedecem a critérios que nunca são completamente redutíveis aos diplomas ou às competências técnicas.

#### AS CARACTERÍSTICAS DA FAMÍLIA E DO AGENTE

Ao procurar compreender os processos de reconversão dos aristocratas, é preciso, enfim, ter em conta a história da família, a antiguidade da nobreza, a posição da família no seio da aristocracia — central ou marginal —, o grau de endogamia, a importância atribuída à ética religiosa, nomeadamente à religião católica.

A história de cada família, do nome, do capital simbólico por ela detido, o tipo de nobreza — os descendentes da antiga *nobreza de armas* (nobreza adquirida originariamente por serviços militares prestados) ou *da nobreza de linhagem* (nobreza tão antiga que se ignora a data da sua origem) vivem mais frequentemente encerrados na sua história e no seu meio do que os descendentes da antiga *nobreza de toga* —, a antiguidade da família — as famílias da nobreza mais antiga costumam adoptar um comportamento mais tradicional do que as da nobreza recente —, o grau de endogamia — as famílias mais endógamas são as que se mostram menos dispostas a mudanças — contam-se, sem dúvida, entre os principais factores explicativos. Quanto mais a família demorou a empreender as reconversões, mais essas reconversões se encontram dificultadas, ficando muitas vezes condenadas ao fracasso.

As famílias marcadas pela religião católica, que contam com religiosos, freiras e padres no seu seio, cedem quase sempre mais dificilmente à inovação do que as famílias, também religiosas, cujos investimentos simbólicos foram mais diversificados. O peso dos factores religiosos é muitas vezes decisivo e é necessário prestar grande atenção à aprendizagem das normas religiosas; assim, a educação católica, que é a mais frequente entre as famílias da aristocracia francesa, ou a educação ortodoxa tradicional parecem incitar menos às reconversões do que a educação protestante ou a judaica, muito raras no que respeita aos descendentes da nobreza.

A condição de filho segundo — por oposição à de primogénito —, as deslocações fora do que poderia designar-se por «feudo» de origem da família, as frequentes mudanças de estabelecimento de ensino e as doenças graves e prolongadas são também outros factores determinantes de uma maior sensibilidade às mudanças operadas em redor e que fomentam a procura de saídas diferentes das tradicionais. Tudo aponta para que haja mais possibilidades de um aristocrata se aperceber da necessidade de uma reconversão quando, no

seio da aristocracia, ocupa posições relativamente menos seguras, mais marginais, por vezes ameaçadas, do que quando ocupa posições centrais, com maior projecção e mais estáveis. De entre os aristocratas que lançaram mãos a empreendimentos relativamente inovadores no seu meio e na sua geração — por exemplo, a criação de uma editora na década de 50 —, vários eram filhos segundos cujo pai ou a mãe tinham falecido ainda na sua juventude.

Os aristocratas que foram forçados a instalar-se como «estrangeiros» em terras que não pertenciam à sua linhagem ou à sua família poderão apresentar disposições mais favoráveis à utilização do sistema escolar como instrumento de reconversão do que aqueles que não deixaram a terra dos seus antepassados. Contudo, àqueles que provêm de uma família da alta nobreza poderá parecer mais fácil aventurar-se por vias menos tradicionais do que aos oriundos de uma família aristocrática da província<sup>15</sup>. A aristocracia parisiense ou residente em Paris, que vê abrir-se perante ela um vasto campo de possibilidades, quer em termos de estabelecimentos de ensino, quer de postos de trabalho, é, em certa medida, mais estimulada a reconverter-se do que a aristocracia da província, cujos horizontes não raro são muito mais limitados. As mudanças frequentes de estabelecimento de ensino estão entre os factores que suscitam maior sensibilidade às mudanças, estimulando a procura de saídas diferentes das tradicionais. É mesmo possível que os insucessos ou as rupturas escolares estimulem, pelo menos de forma indirecta, a procura de novas profissões.

\*\*\*

Este exame rápido dos diferentes factores que levam a antiga aristocracia a reconverter-se não é exaustivo. A predisposição para as deslocações no espaço social, para as reconversões das posições e das disposições, torna-se incompreensível se não forem tidas também em conta as alianças matrimoniais ou profissionais, as solidariedades, as redes de pertença, bem como os comportamentos económicos, as práticas sucessórias e educativas. Seria também necessário analisar os investimentos, os custos e os riscos, tanto maiores quanto os recursos ou os trunfos eram, à partida, pouco elevados, pouco diversificados e demasiado desvalorizados.

Se os descendentes da nobreza se mantiverem muito ligados aos seus valores tradicionais, à linhagem, ao nome, poderão hesitar em avançar para

---

<sup>15</sup> No antigo regime foi a alta nobreza, a mais rica e muitas vezes a mais gloriosa, que primeiro manifestou interesse pelas grandes empresas comerciais ou marítimas (cf. G. Chaussinand-Nogaret, *La noblesse au XVIII<sup>e</sup> siècle. De la féodalité aux lumières*, Paris, Hachette, 1976, pp. 120-161).

investimentos escolares ou profissionais que envolvem elevados custos de tempo e de energia e parar a meio-caminho nas vias de reconversão, sem beneficiarem de todas as vantagens possíveis. Se, pelo contrário, se empenharem a fundo na via da reconversão e se tornarem profissionais, na plena aceção do termo, arriscam-se a perder pouco a pouco o capital simbólico investido no processo. As probabilidades de levar a bom termo uma reconversão sem perda do capital inicial, em particular do capital simbólico, ou, pelo contrário, de fracassar nesse empreendimento, não dependem apenas das dispersões dos descendentes da nobreza, nem tão-pouco dos trunfos de que dispõem e que podem accionar: as representações dos diferentes grupos dominantes, das diversas formas de legitimação do poder e as reacções dos membros dos restantes grupos não são menos determinantes.

Tudo leva a crer que, na sociedade francesa actual, os antigos aristocratas não têm qualquer interesse em levar até ao fim as reconversões, na medida em que o capital simbólico em que se apoiam ainda se encontra suficientemente valorizado. De resto, as reconversões dos aristocratas mantêm-se quase sempre inacabadas, tudo se passando como se os descendentes das várias nobrezas não levassem até ao fim o processo de inserção no mercado profissional, de reconversão, ao longo do qual recebem, de forma mais ou menos consciente, ver, se não perder-se, pelo menos reduzir-se fortemente o capital simbólico com que podem contar. O duque de Brissac, descendente de uma das maiores famílias da aristocracia, nascido no princípio do século, constitui um exemplo particularmente significativo. Tendo entrado na Escola Politécnica, facto deveras raro no seu meio e na sua geração, e tendo feito depois carreira na empresa Schneider — havia casado com May Schneider, herdeira de uma grande família ligada à indústria da fundição —, não levará até ao fim os seus investimentos escolares e profissionais e recusará, de certa forma, entrar na lógica da carreira profissional, continuando a ocupar as funções que lhe são confiadas, nomeadamente a presidência de sociedades relativamente importantes, mas de segunda linha, segundo uma lógica que muitas vezes se aproxima mais de uma lógica mundana do que da lógica económica; manter-se-á afastado das grandes posições de poder económico que poderia, sem dúvida, ter ambicionado se tivesse completado a reconversão dos numerosos trunfos de que dispunha.

E o que se passa, afinal, com as reconversões dos antigos altos funcionários, quer dentro da função pública, quer dentro das empresas privadas? O peso da pertença a um *grand corps* é, no seu caso, decisivo e facilita muitíssimo as reconversões<sup>16</sup>. Tudo indica, no entanto, que a maioria dos altos

---

<sup>16</sup> A análise realizada por Jérôme Lecanu dos engenheiros do Corps des Mines, que viu uma parte dos seus membros renunciar aos sectores tradicionais (minas) e orientar-se, ora para a indústria nuclear, ora para a política do ambiente, ilustra bem esta situação.

funcionários saídos dos *grands corps* para o sector privado também não levam até ao fim a reconversão dos recursos administrativos ou burocráticos em recursos económicos.

O peso dos diferentes factores explicativos aqui destacados varia muito consoante as situações ou as conjunturas, mas o modelo que é proposto pode contribuir para explicar outros casos de reconversão, que não apenas os dos aristocratas. É possível observar, com efeito, traços invariantes em conjunturas muito diversas e noutros grupos sociais; no entanto, em função dos grupos em estudo, das situações e das conjunturas, o sentido das reconversões varia e a configuração dos factores a considerar não pode ser a mesma. A partir de vários estudos de caso — estudo da reconversão de um capital relacional em cargos políticos ou no mercado de emprego, estudos da reconversão de um capital burocrático ou organizacional adquirido através das relações com o Estado em capital económico, conversão de títulos ou de diplomas escolares em capital económico, ausência de reconversões — deveria tornar-se possível a tentativa de elaborar progressivamente um modelo explicativo de diferentes tipos de reconversão e de reclassificação das elites.